Editorial

Tendências da Educação no próximo Milênio

O sistema educacional brasileiro deverá passar por muitas transformações no próximo milênio, algumas bem profundas. Um grande salto, não só tecnológico, mas também de qualidade, marcará, com certeza, o século XXI, exigindo que se prepare o indivíduo de maneira que, durante o processo de formação, ele possa absorver rapidamente mudanças de todos os tipos que, naturalmente, irão ocorrer.

Formar uma pessoa numa realidade tecnológica e social que se conhece é tarefa árdua, mas para uma tecnologia que sequer foi inventada, será extremamente difícil. O primeiro desafio, portanto, será o de educar cada vez mais pessoas com qualidade adequada a um cenário em constante evolução. Para tal, torna-se indispensável um magistério mais bem formado, mais dignificado e que tenha o domínio não apenas do conteúdo, mas também o das relações sociais. Assim, a função de educar estará muito mais presente que a de transferir conhecimentos.

O professor ficará mais liberado da função de ensinar e se voltará para uma outra muito mais importante e nobre: a de educar, que é resgatar as aptidões ou os dons, ou as inteligências dos alunos, fazê-los desabrochar, o que se justifica até etimologicamente. Apesar de as universidades preservarem sua funções inerentes, as máquinas de ensinar, a televisão, o computador e os mecanismos tipo Internet estarão muito mais aperfeiçoados.

Os alunos poderão fazer as provas e os testes em suas próprias casas ou em recintos onde os computadores estejam à disposição. E eu diria até com consulta. O indivíduo terá que ser capaz de selecionar os dados de que necessite no momento próprio, substituindo assim a memorização.

O processo ensino-aprendizagem, ao invés de coletivo, como até hoje foi, será mais individualizado, utopia perseguida durante todo o século XX. A

auto-estima do indivíduo será valorizada assim como sua autoformação, sua auto-avaliação. Mas as relações entre estudantes passarão a ter um desempenho mais conjunto, favorecendo a parceria. As pessoas, no novo mundo, cada vez menos serão capazes de fazer tarefas sozinhas. Assim, o próprio ato de estudar será uma atividade mais grupal do que tem sido até hoje.

A educação à distância terá grande destaque no futuro. Pelo volume de pessoas que demandam o saber, pela qualidade exigida e pela velocidade do processo, sem que se tenha tempo de formar mais professores com qualidade – essa formação leva 10 ou 15 anos – será necessário multiplicar os bons recursos humanos existentes. Isso só poderá ser feito pela educação à distância.

Em um país como o Brasil, a educação terá que ser a mola mestra do desenvolvimento. Por isso, o processo educativo deixará de ser uma missão exclusiva da escola e passará a ser permanente na vida do estudante. O processo educativo não será apenas da criança e do adolescente em idade escolar, mas de todo e qualquer cidadão, que ficará obsoleto se não se atualizar permanentemente.

Na sua casa, na sua televisão, no seu computador, as pessoas estarão permanentemente estudando, aprendendo, seja por vocação, seja por interesse pessoal ou por necessidade imposta pelo mercado de trabalho. Elas estarão à disposição, de uma maneira mais acessível, de todos os interessados, a exemplo do que hoje é o telefone. E os interessados não serão só os estudantes em idade escolar, mas todas as pessoas que estiverem ativamente participando do novo mundo.

Nesse sentido, o Conselho Nacional de Educação aprovou recentemente os cursos seqüenciais, uma nova forma de fazer com que as pessoas de todos os níveis e de todas as idades entrem nas universidades, com toda a facilidade, para adquirir os conhecimentos que julguem necessários para o seu desenvolvimento pessoal ou profissional.

No próximo milênio, as pessoas, de uma maneira quase corriqueira, vão relacionar-se num mundo sem fronteiras. A barreira natural, que tem sido a língua, deverá estar superada. Os processos de ensino de língua estrangeira poderão ser subliminares e as pessoas falarão quatro ou cinco línguas, capazes de unificar o entendimento não só em termos de consulta, mas principalmente

em termos de transferência de conhecimentos . É um processo similar ao que aconteceu com as empresas, com as nações. As empresas perderam as nacionalidades, e as nações perderam as fronteiras. As grandes empresas não são mais multinacionais, e sim transnacionais, não têm mais sede. O capital não é mais fixado em um país, mudando com rapidez em busca de melhores condições de rentabilidade. Como as grandes empresas, o processo educativo também será transnacional.

Já se vê a formação de comunidades: a União Européia, o Mercosul e o Nafta. Os países estão começando a verificar que sozinhos não fazem mais nada. Cairão por terra elementos como o corporativismo, não só de reserva de mercado para determinadas profissões, mas também do espaço em que essas profissões podem ser exercidas. Hoje, por exemplo, já se negocia que os diplomas do Mercosul transitem de uma maneira tranqüila, pelo menos nos países que assinam o acordo.

No século XXI, o que vai importar são as competências. Os diplomas perderão o significado que têm hoje, e o importante serão as certificações realizadas por instituições sérias, acreditadas internacionalmente. À medida que o conhecimento e a capacitação técnica tendem, pela velocidade da tecnologia, a se tornar obsoletos, esses organismos vão certificar os indivíduos, que terão que se apresentar, de tempos em tempos, para obter as certificações de sua capacitação, quase que como referencial de apresentação no mercado. Tais certificações levarão em conta as competências adquiridas fora do sistema formador, fruto da vivência profissional e do amadurecimento cultural.

Os postos de emprego tradicionais começarão a minguar. A população terá crescido. Os idosos estarão cada vez com mais saúde e não precisarão se aposentar com rapidez. E os jovens, com a universalização da educação, vão ficar mais bem preparados para ingressar no mercado de trabalho. Mas a oferta de emprego irá diminuir, e os jovens terão que ser preparados para novas ocupações. Por isso, será necessária uma formação cada vez mais generalista, porém de excelente nível, valorizando as aptidões que lhes vão dar a capacidade de reconversão.

Desse modo, diminuindo os postos de emprego e aumentando o número de pessoas que querem trabalhar, também estará reduzido o número de horas dos contratos de trabalho, favorecendo uma melhor distribuição dos postos de emprego. Aumentarão, portanto, as horas de lazer.

A civilização do século XXI tenderá a trabalhar menos e a descansar mais, criando-se, em conseqüência, uma indústria do lazer e de serviços, a qual passará a ser fundamental na criação de novos empregos em substituição aos anteriores.

No entanto, em razão da necessidade de uma educação transformadora, o profissional mais importante e disputado no próximo milênio, desde que seja bem formado, será o educador, aqui propositadamente não denominado de professor. E, finalmente, será bem remunerado e dignificado.

Carlos Alberto Serpa de Oliveira